

Aumenta número de mulheres com gagueira

José Varella/AE-28/3/94

Apesar de as causas ainda serem desconhecidas, fonoaudiólogos acreditam que a tensão da vida moderna e a competição profissional estão levando as mulheres à gagueira, distúrbio que era quase exclusivo dos homens

MARTHA SAN JUAN FRANCA

Quando a fonoaudióloga Silvia Friedman, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), começou a tratar pacientes com gagueira, há mais de 20 anos, a maioria disparada de seus clientes eram homens. Hoje, constata, atende mais clientes do sexo feminino. O que mudou? "O tipo de vida das mulheres", afirma Silvia. "Elas estão participando da mesma sociedade competitiva dos homens e se submetem ao mesmo grau de tensão e de exigências que antes eram reservadas ao sexo masculino." A fonoaudióloga acredita que, da mesma forma que outros distúrbios como o stress, que antes se manifestavam mais nos homens, a gagueira passou a atingir a todos, sem distinção.

Essa, no entanto, é só uma hipótese e, como quase tudo que se refere a gagueira, ainda precisa ser comprovada. O problema, apesar de conhecido desde a Antiguidade, é pouco explicado e ninguém sabe com certeza as suas causas. Calcula-se, por exemplo, que uma em cada mil pessoas seja gaga, mas há sociedades em que o distúrbio não se manifesta nem existe no vocabulário.

Gagueira não é doença porque não existe nada de errado nos órgãos ligados à fala da pessoa que não consegue dizer uma palavra sem repetir várias vezes o mesmo som ou fazê-lo de forma descontínua. A diferença está no sistema emocional e, como tudo que se relaciona a essa parte delicada do ser humano, é difícil de definir. O que se sabe, analisando os sons, é que a pessoa gaga

demora milésimos de segundo mais para fazer vibrar as cordas vocais do que as outras com maior fluência verbal. "Quando ela se dá conta desse problema, fica mais tensa e agrava a diferença", afirma a fonoaudióloga Ana Maria Schiefer, da Universidade Federal de São Paulo (Ufesp, ex-Escola Paulista de Medicina).

Quando a competição e o stress da vida moderna não contavam, sabia-se que, para cada mulher gaga, havia três homens com problemas. Recentemente, um estudo realizado na Universidade de Yale nos Estados Unidos, envolvendo a atividade cerebral durante testes fonológicos, mostrou que as mulheres, nesses momentos, usam o hemisfério direito e esquerdo do cérebro, enquanto os homens acionam apenas o esquerdo. Estudos neurológicos anteriores mostraram

PORTADORES NÃO TÊM PROBLEMAS ORGÂNICOS

que mulheres vítimas de lesões no lado esquerdo do cérebro — o responsável pela linguagem — recuperavam com mais facilidade o poder da fala. "Provavelmente, vamos descobrir alguma relação com a gagueira", acredita Ana Maria. "Mas esta ainda é uma área nova de estudo."

Por enquanto, sabe-se que a gagueira começa na primeira infância, quando a criança ainda se debate com as sílabas mais complicadas e as palavras mais difíceis. "São os tropeços naturais de quem está aprendendo a falar", observa a fonoaudióloga Ivone Dias Gomes, da PUC-SP. "Todos passam por essa fase de disfluência, mais ou menos entre os 3 e os 5 anos, mas a maioria supera." Restam aquelas que transformam a disfluência normal em gagueira e necessitam, por isso, de tratamento.



Deputado Inocêncio de Oliveira: gagueira que começou na infância não impede discursos na Câmara